



22130157



PORTUGUESE A: LITERATURE – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A : LITTÉRATURE – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A: LITERATURA – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Wednesday 8 May 2013 (morning)
Mercredi 8 mai 2013 (matin)
Miércoles 8 de mayo de 2013 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Preparavam-se para sair quando o telefone tocou. Veronique atendeu e passou o auscultador a Eugen. A conversa não durou mais de dois minutos. E nesses breves dois minutos, a expressão de Eugen foi refletindo sucessivas emoções até se fixar numa máscara de incredulidade e profunda amargura, que provocou um silêncio generalizado, cada um dos presentes suspenso da notícia ainda desconhecida, mas que seria, por certo, muito grave.

Ninguém ousou quebrar esse silêncio, ninguém fez um único gesto, um só movimento, imobilizados todos por uma pesada, uma insuportável inquietação – até que Lisbeth, sem pronunciar uma só palavra, pousou o *bouquet* de amores-perfeitos, atravessou a sala e abraçou Eugen, encostando o rosto ao dele, na certeza de que era esse o único apoio de que ele precisava, fosse qual fosse o problema. Os braços de Eugen fecharam-se à volta dela como se a guardassem, como se constituíssem o único escudo que poderia protegê-la, enquanto lhe falava ao ouvido, num demorado sussurro.

(Mais tarde, muito mais tarde, quando a normalidade se restabelecera e as recordações daquele dia já não faziam sangrar por dentro, Veronique confidenciaria que o verdadeiro casamento de Lisbeth e Eugen tinha acontecido naquele momento inimaginável, feito de enorme e doloroso desapontamento, é certo, mas também gerador de coragem e capacidade de superação, em que tinham sabido, para além de qualquer dúvida, que nada, nem convenções sociais, nem preconceitos, nem leis absurdas, nada poderia jamais separá-los.)

Na sala de Veronique Schulte, ninguém se movia, ninguém falava, ninguém ousava fazer a menor pergunta, mas todos – perplexos e conscientes de que qualquer coisa grave, inimaginável mas muito grave, acabava de acontecer – todos olhavam, expectantes, para Lisbeth e Eugen que, abraçados, prosseguiam o seu longo sussurro. Até que Lisbeth, desprendendo-se um pouco, desprendendo-se apenas o suficiente para poder voltar-se dentro dos braços dele que não a soltavam, e olhar de frente a família e os amigos mais íntimos, disse com surpreendente, com admirável serenidade:

«O padre Harrison acaba de dizer a Eugen que recebeu, há poucos minutos, um telegrama dos seus superiores em Gibraltar, informando-o de que não poderá celebrar o nosso casamento, por razões que não foram expressas mas que parecem relacionadas com a atual tensão política internacional.»

O silêncio ficou a pairar, pesado e angustiante, na sala de Veronique Schulte. Diante de Lisbeth e Eugen, atingidos nos seus mais decisivos projetos de futuro, todos pareciam paralisados pela mesma preocupação e pela mesma desesperante incapacidade de ajudar. E acabou por ser Leonor Vaz Peres, apesar da sua habitual discrição, mas decidida a encontrar saídas para aquele impasse doloroso, quem disse, em voz lenta e clara, como se pesasse cada palavra:

«A Igreja Católica, como talvez saibam, considera que o casamento é verdadeiramente celebrado pelo homem e pela mulher que se comprometem a amar-se e respeitar-se até que a morte os separe. O padre atua apenas como testemunha privilegiada dessas promessas mútuas, abençoando-as e oficiando a cerimónia religiosa que costuma seguir-se. Dado que não contamos com a presença de um padre, talvez Lisbeth e Eugen queiram considerar a hipótese de trocarem os seus votos de amor e fidelidade perante todos nós, suas testemunhas.»

Helena Marques, *O bazar alemão* (adapt.), Portugal (2011)

2.

Um poema de amor

Uma criança que chora é hoje meu coração
perdi-me pelas ruas e não sei aonde vou
é noite entre as escuras árvores da alameda
não esperas por mim e nunca me desejaste
5 uma criança que chora
é hoje meu coração

Olho de longe e o vento muda a feição dos ramos
são sombrias molduras as folhas que entrevejo
é noite em tua casa, é noite em tua festa
10 onde não me conhecem e jamais hei de estar

onde não me desejam e o meu sonho me leva
– uma criança que chora a quem tomaram a mão –

acolhe-me em teus braços, acolhe-me em teu peito
que um vento de rancor vem me acoçando a vida
15 havia em mim uma certeza que ofegava
hoje eu sei que esperei contra todos os signos

já não tenho o pudor das minhas lágrimas
já não me calo nem questiono a sorte
porém canto e te peço: ouve, antes que seja tarde
20 em tua boca e no meu coração oprimido.

Renata Pallotini, *Noite afora*, Brasil (1995)